

4491 (LII)

24

A' SEMPRE

Lamentada Morte

DE

SUA Magestade

O IMPERADOR E REI,

O SENHOR

D. JOÃO VI.

Por J. J. V.

PORTO:

IMPRESA DO GANDRA.

ANNO DE 1826.

Com licença da Comissão de Censura.

8

NENIA.

QUANDO o Têjo potente, o Douro eximio,
 A Lusitania toda alti placida,
 As delicias da paz, do Rei as Graças,
 Em candida alegria disfructava:
 Quando do Córso béllico, e famoso
 As façanhas, e a glória anniquiladas,
 Via a seus pés, por seu valor invicto,
 Lá mesmo no seu Sóllo prepotente:
 Quando, Lisia pomposa, altiva, e forte,
 Fazia, por seu influxo, e poderio,
 Curvar-se o Persa, o Árabe, o Indio
 Ante o Throno do Rei, João Excelso:
 Quando em fim, começava a ser ditosa,
 A dissipar-se a discordia, odios nocivos,
 Que o ascendente de hórridos designios,
 D'hum Povo, varios Póvos tinha feito,
 Successo pavoroso!.. Dôr acerba!..
 Fina dos Lusos o Pai, o Idolo,
 A quem essa inflexivel, dura Parca
 Arrancou d'entre nós, tirou a vida!
 Ah! Cruel, inhumana!.. Que fizeste!..
 A teu valor audaz, e furibundo,
 Distinguir, respeitar não te foi dado,
 D'entre os mortaes o Bom, o Justo, o Sábio?
 Se da dôr, e do pranto só te nutres,
 Por ventura, não tinhas o Guerreiro,
 Que abrazado em furor, em odio todo,
 (Qual Abutre voraz, sanguinolento),
 Com rígido pavêz na mão maligna,
 E c'o ferro fatal no dextro punho,

Tala os Campos, as Villas, e Cidades?
 Não tens o vicioso, o vil, o 'stulto,
 O réprobo, o mordaz, o sycophanta,
 O hypocrita, o egoista, o avaro,
 Que entre inuteis thesouros escondido
 He surdo aos tristes ais do desgraçado
 Que às suas férreas portas bate, e geme?
 Mas que digo, ai de mim! — De que te acuso!;
 Hes mandada do Ceo, hes Lei do Eterno,
 Universal, precisa, irrevogavel:
 Os Decretos d'hum *DEOS* só executas,
 Suas Leis venerar dever he nosso:
 Se por mysteriosa, ignota via
 Mudas de habitação, e outra Patria
 Dás a quem sua Santa Lei respeita,
 Sua estrella não fazes, mas sómente
 O gozo divinal lhe aproximas;
 Mas no grato mortal outras idéas
 Natureza, e Razão infundem sempre.
 João, o Imperador da Lusa gente,
 Prototypo dos *Titos*, *Salomões*,
 Dos *Manoéis*, *Dinizes*, e *Affonsos*,
 Sempre lembrado, e saudoso sempre,
 Na Historia terá lugar distincto:
 Conspicuo, perspicaz, e denodado,
 Affavel, Bemfeitor, em Graças nimio,
 No premio liberal, no perdão facil,
 Sempre, qual Pai, amou os seus Vassallos,
 Tanto, quanto o Governo que nos deu,
 Que attento escutá a voz da bella Astréa:
 Como amante da paz só fez a guerra.
 A' fallacia, á traição: em pró do Estado
 Nós o vimos obrar mil sacrificios;
 Lá mesmo, nesse opiparo Hemispherio,
 Nas brasilicas praias, onde existe,
 O povo amigo, afortunado, e culto,
 Pela sua Clemencia libertado

Da vil escravidão que outr'ora teve,
 Ah!, nos seus Dominios abastosos
 Seu Doce, Augusto, e Rutilante Sceptro
 De seus Theouros mil, milhares de Graças
 Até no mesmo ingrato diffundiô!!
 Oh! das virtudes suas scintilantes
 Quem podéra formar bem dignamente
 O Quadro, o Panegirico estupendo!
 Ao mortal não he dado! — N'elle mesmo,
 Só no Sexto João, o Rei dos Lusos,
 As tintas, e o pincel digno existem;
 Apezar da calunnia abominável,
 Da feia ingratição filha do Averno
 (Vís sentimentos de almas abjectas),
 Seu Nome, seu Valor, a Fama sua,
 Hade existir em quanto que existirmos,
 E mesmo perdurar além da morte.
 Elle morre porém!.. A nós se esconde!..
 Sua Alma jaz no Olympo, o corpo seu
 Na terra jaz que tanto ennobrecêra!
 Nosso pranto vertamos, mil suspiros,
 Sobre o Túmulo seu calado, escuro;
 Envolta em luto, em tristeza envolta
 A nossa gratidão, nossa amisade,
 Hade cantos tecer, tecer mil versos,
 Que Saturno voraz roer não possa:
 Gravar ella vai já com mão convulsa
 Sobre o Túmulo seu este Epitafio,
 Que as gerações presentes, e futuras,
 Hão-de lêr assombradas de respeito:

" *Aqui jaz o que amou a Divindade,*
 " **JOÃO, O SEXTO REI DA LUSITANIA,**
 " *O Amigo, o Bemfeitor da Humanidade.* "